

---

---

## EM DEFESA DO MATERIALISMO ALEATÓRIO

---

---

Diego Ramos Lanciote\*

**Resumo:** A última fase do filósofo Louis Althusser desperta amplo interesse pela resolução da maioria das questões suscitadas desde suas primeiras publicações na década de 60, dentre as quais a mais relevante delas sobre a teleologia no materialismo histórico. No entanto, suas publicações sobre o chamado “Materialismo de Encontro” só apareceram *post mortem* e, ainda, o fatídico episódio da morte de sua esposa contribui para o repúdio e esquecimento do autor. O materialismo de encontro, ou aleatório, é o empenho resultante da tentativa de compreensão dos processos históricos isentos da teleologia. O materialismo de encontro é, ainda, a realização de um projeto mais ambicioso que é o estabelecimento de uma filosofia para o marxismo. No caso, uma filosofia assistemática aberta aos eventos histórico e também impulsionadora de um projeto político de transição. Filosofia que se estabeleça de maneira a escapar à interpelação dos indivíduos em sujeitos, um *desvio* à Ideologia dominante. Trataremos, então, da categoria de *clinamen* como o desvio do assujeitamento e, sobretudo, como categoria habilitadora de uma *ação política*. Observaremos as principais linhas de fundamentação, como núcleo invisível, da assertiva teórica althusseriana do aleatório no seio do materialismo de Charles Darwin, na análise elaborada pelo professor Vittorio Morfino. Numa conjectura, a questão da dialética e seu papel reservado à Teoria, à Ideologia, às formações sociais e a possibilidade de uma *ação política* inscrita no *clinamen*.

**Palavras-chave:** aleatoriedade, dialética, ideologia, materialismo, política.

Althusser em seus primeiros trabalhos teóricos constrói condições para a compreensão e fundação do Materialismo de Encontro

---

\* Graduando em Filosofia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

que, embora ainda precárias com relação às teses deste, são bastante alusivas; aproximações que, no entanto, possuem seu determinado rigor. Se notarmos atentamente, a pluralidade de contradições existe no concreto em que são articuladas de maneira desigual estabelecendo-se aleatoriamente a dominância de uma com relação às outras, não havendo qualquer lei ou parâmetro para determinar como a dominância estabelecesse. No conceito de *sempre-já-dado* (Althusser, 1, 1969), a exasperação das contradições é deveras aleatória. Não há como prever, ou mesmo, estabelecer através das fórmulas de uma dialética positiva, ou seja, regida por leis próprias, um momento ou situação revolucionária. O *sempre-já-dado* é uma categoria muito próxima do vazio, porque quaisquer elementos unívocos são dados e podem concatenar-se, i.e., podem encontrar-se e podem durar ou não numa pega destes. A *sobredeterminação* (Althusser, 1, 1969) é um evento, *acontecimento*, de encontro e pega das contradições que ocorre num *topos vazio*, num *sempre-já-dado*, por isso não há como nos furtarmos às elaborações primeiras de Althusser como dispensáveis à compreensão do materialismo do encontro; há deveras uma continuidade em seu pensamento.

### **A vigência do *alea* e da Dialética: concreto e assujeitamento**

No encontro não há dialética, ou mesmo, ela é inoperante. Tal qual a exasperação das contradições é imprevisível no *sempre-já-dado*, a dialética é interdita em seu princípio. Porém, tão somente quando há pega no encontro é que podemos compreender a vigência da dialética ela mesma, na duração deste, como possibilidade, nessa posteridade de encontro pego duradouro, do desvelar das formas que dele emanam.

Os encontros enquanto pegos só nos deixam a certeza do tendencial, muito embora as *formas* que surgem no momento de encontro

pego estabeleçam-se de tal maneira que podemos nessa posteridade de encontro pego duradouro interpor através de suas *imagens, formas*, a dialeticidade em busca da *arké* (Benoit, 10, 2004). Somos tentados a reconhecer que a dialética na medida em que estabelece seu movimento a fim de refundar o *princípio*, a *arké*, pela negatividade ao dar ser ao não-ser, nunca pode refundar-se, ela é interdita a completar seu movimento, fadada a re-estabelecer-se nas delimitações, visto que ela vive somente pelo encontro e pela pega duradouros os quais são aleatórios. A dialética não possui vigência no originário, pois operante num *continuum* que se furta ao *discreto*, ao *alea* enquanto *origem, fonte do florescimento das imagens*. A *vigência* é aquilo que está numa *condição de prosperidade*, é o que *floresce*, no sentido pleno de sua ligação com a terra.

Com efeito, se no encontro e pega duradouro vive o reino da razão, da necessidade e, pois, da *forma*, trata-se então, na localidade de uma determinada *formação social*, de um momento constitutivo do assujeitamento, da interpelação dos indivíduos em sujeitos. Esta *vigência (uigeo)* é a instância material da vivência dos indivíduos, o *florescer calcado na poiésis*: a ideologia tem suas raízes nas formas valorativas que dela emanam na práxis do homem inserido no que podemos denominar *concreto*, uma determinada formação social *fruto* de um encontro pego duradouro.

Só se pode conceber a pluralidade dos encontros e pegas em sua duração nas suas respectivas temporalidades plurais, por isso podem as formas perenes desfazerem-se ou mesmo perpetuarem-se. O que garante a vigência e justamente a forma que do encontro e pega origina-se é sua *reprodução* que, inscrita na duração do encontro pego, é correspondente à *poiésis*. A *poiésis* resgata sua semântica na *produção*, na *maneira ou modo de produzir*.

A diversidade dos modos de produção, tese cara a Althusser, é latente, tendo em conta a dominância de um sobre os demais em suas

formas todas e, assim, seu complexo ideológico. Os modos de produção coexistentes são cada qual um *concreto*, fruto do aleatório encontro e pega de seus elementos em sua duração. Tal qual um átomo, ou entidade particular, pode durar ou não em seu encontro pegado, o mesmo ocorre com os encontros e pegadas que se concretizam na composição do *florescimento* de um modo de produção.

Faz-se mister precisarmos uma definição do conceito de concreto que aqui tratamos para adentrarmos na questão dos encontros e pegadas aleatórios em sua duração. No vernáculo latino, a palavra “concreto” é *con-cresco*. *Cresco* é crescer, crescimento orgânico, tornar-se existente, nascer e ascender, portanto, *concreresco* seria crescer junto, ser formado junto, condensar-se junto, existir junto. *Concretus*, então, é composto, construído, *formado*, condensado. O que seria o concreto senão um encontro e pega que dura?

Ilustremos, então, a partir da concepção mais corrente de concreto, aquilo que é designado na construção civil enquanto tal. Concreto é uma composição de água, pedra, cimento e areia, sendo útil ao provimento de sólidas estruturas de edifícios, casas, etc., das mais simples às mais complexas construções. Notemos que esse concreto ao qual nos referimos é composto, ou seja, formado do *encontro* e mistura de elementos específicos: água, cimento, pedra e areia. Por isso, podemos considerar a definição de concreto a partir do *encontro* desses elementos que, não obstante, devem *pegar* numa mistura, pois se não *pegarem* ou *derem liga* não se obtém o concreto almejado.

Para que haja a *pega* no *encontro* dos elementos, estes devem possuir atributos determinantes quanto à forma ou ao estado físico e a específica quantidade, bastando, assim, que sejam *afins*. São, também, o cimento, a pedra, a água e a areia também compostos, isto é, compostos de elementos mais simples, elementos químicos como hidrogênios, oxigênio, etc., que também *se encontraram, pegaram e duraram*.

Por uma regressão sucessiva, podemos ainda dizer que tais elementos químicos são o *encontro* e a *pega* de elétrons, prótons e neutros que, por sua vez, são *encontro* e *pega* de elementos mais simples, por precisão de vocabulário, partículas – *pequenos corpos*. Em última instância, a *pega* e *encontro* de quarks e glúons (curiosamente do inglês *glue*, “cola”), as partículas mais fundamentais conhecidas. Em todos os casos da regressão, as partículas possuem estados específicos necessários para que o encontro pegue. O que nos importa, longe de ser a partícula originária, é a articulação, *relação*, dos encontros e pegadas duráveis.

É relevante que, conforme haja *encontros* e *pegadas* sucessivos das partículas, estas atingem certa complexidade tornando possível sua percepção. O fato das partículas menores não serem perceptíveis aos homens não invalida sua existência e, como definido, o fato de serem concretas.

Portanto, *concreto é o encontro e pega que duraram*. Aquilo que se atribui à concretude toma o ser em sua forma constitutiva-constituída como sempre-já-sendo, cuja definição encontra-se ainda na aleatoriedade dos encontros.

O *sempre-já-dado* de Althusser em seus primeiros escritos é *concreto*. A materialidade dos traços espaço-temporais de um sempre-já-sendo, o concreto contém as contradições na composição dos seres em momento constitutivo na imersão de um vazio de possibilidades preche de encontros; como os eventos, *acontecimentos*, de encontro e pega, o concreto é sobredeterminação. Todavia, o concreto não é homogêneo nem heterogêneo em si guardando sua imersão no vazio das contingências; ele é um aspecto que interliga espaços-temporais estabelecidos em sua simultaneidade e identidade. O concreto é um ente exasperado de vazio em sua anterioridade de encontro possível; assim, não podemos mencionar o espaço, o tempo e os corpos imersos no vazio nesta anterioridade, cujo aspecto principal é a existência no próprio vazio *in abstracto*. Trata-se de

um *topos* de possibilidades. A materialidade do concreto é a massa-crítica de seu sentido no encontro pego que ex-plode as confetes formais.

A *forma* carrega em si *estética* enquanto sentido do ser imerso num concreto orientado pela maneira de produzir, *poiésis*, propondo a necessidade enraizada na contingência que Althusser preconiza: “(...) em lugar de pensar a contingência como modalidade ou exceção da necessidade, é necessário pensar a necessidade como o vir-a-ser-necessário do encontro de contingentes” (Althusser, 4, 1994).

A necessidade enraíza-se na contingência, o encontro no vazio é origem, *fonte*, da necessidade e, isso tudo, na articulação complexa do encontro: o *concreto* é a articulação contingente dos *encontros que pegaram e duraram* num vazio preche de possibilidades; dele emana a necessidade orientada às formas em sua posição deontica no processo de interpelação dos indivíduos. As formas emanadas do *concreto* interpelam o indivíduo estabelecendo-se como princípio, sentido, no âmbito de um *dever-ser, na forma*.

Na forma, a imersão do concreto constitui um *abismo, um desvio do assujeitamento*. O abismo é a palavra *justa*, se considerarmos a menção que Althusser faz a Rousseau (Althusser, 9, 2007), quem assinala que o contrato social repousa sobre um abismo. Este é espacialmente desmesurado e, em nossa compreensão, o tempo-espaço onde repousam os possíveis encontros e pegos perde-se no *topos abismal*, que assume na simultaneidade do concreto a contagem na *forma* do encontro pego; assim, por sua vez, o tempo também é desmesurado: está fora da metáfora. Então, é interdito a qualquer sujeito – qualquer indivíduo assujeitado, inserido num concreto – o tempo e espaço abismal, pelas formas oriundas do próprio concreto. Nisso não há contradição por tratarmos do concreto como massa-crítica, pois não se trata de uma origem unívoca, tampouco de uma origem *stricto sensu*; tão somente de *traços* espaço-temporais da materialidade dos encontros, ou antecipações extra-temporais em conjunção relativa às

antecipações in-temporais: o vazio está *hors de champs*, é interdito nas suas circunstâncias que propõem um antes e um depois. No vazio do *topos abismal* inscrevem-se os *acontecimentos*. Deleuze, no Paradoxo do Puro Devir, lança-nos algumas palavras a respeito do acontecimento:

“*Alice* assim como *Do outro lado do espelho* tratam de uma categoria de coisas muito especiais: os acontecimentos, os acontecimentos puros. Quando digo ‘*Alice cresce*’, quero dizer que ela vem-a-ser maior do que era. Mas por isso mesmo ela também vem-a-ser menor do que é agora. Sem dúvida, não é ao mesmo tempo que ela é maior e menor. Mas é ao mesmo tempo que ela vem-a-ser um e outro. Ela é maior agora e era menor antes. Mas é ao mesmo tempo, no mesmo lance, que nós vimos-a-ser maiores do que éramos e que nós vimos-a-ser menores do que nos tornamos. Tal é a simultaneidade de um devir cuja propriedade é furtar-se ao presente. Na medida em que se furta ao presente, o devir não suporta a separação nem a distinção do antes e do depois, do passado e do futuro. Pertence à essência do devir avançar, puxar nos dois sentidos ao mesmo tempo: *Alice* não cresce sem vir-a-ser menor e inversamente.” (Deleuze, 12, 2003).

Que propriedade seria, então, esta da simultaneidade, senão o furtar-se ao presente? O esfacelamento da univocidade do sentido é o puxar nos dois sentidos, o *vir-a-ser* maior e o *vir-a-ser* menor no caso de *Alice*. No vazio de Althusser, o vazio possui os mesmos atributos do furtar-se ao presente deleuziano. Isso, mesmo porque o vazio de Epicuro invocado no início de *A corrente subterrânea do materialismo do encontro* apresenta-se como infinito:

“O paradoxo deste puro devir, com a sua capacidade de furtar-se ao presente, é a identidade infinita: identidade

infinita dos dois sentidos ao mesmo tempo, do futuro e do passado, da véspera e do amanhã, do mais e do menos, do demasiado e do suficiente, do ativo e do passivo, da causa e do efeito.”(Deleuze, 12, 2003).

A *identidade infinita* é a condição dos encontros possíveis, o vazio prenhe de possibilidades de encontros. Se nesse momento de furtar-se ao presente o sentido são os dois ao mesmo tempo (no caso de *Alice*), podemos dizer que a subversão do paradoxo levar-nos-ia à natureza do *abismo* como furtar-se ao presente numa *ex-tensão* de todos os sentidos ao mesmo tempo esfacelando-se. As possibilidades são idênticas ao infinito: a multiplicidade possível de encontros, a multiplicidade possível de pegadas. Então, o concreto é o vir-a-ser-já-sendo para nós sujeitos: somos postos fora do *alea*, interditados na questão do referencial que o sujeito põe e que não faz sentido no infinito, só para o sujeito observador.

Epicuro distancia-se dos Eleatas de maneira cabal no que tange ao vazio. O jargão no Poema de Parmênides, “é e não pode não ser”, nega o ser do não-ser, mas Epicuro dá ser ao não-ser, i.e., o vazio, é. Essa articulação permite a Epicuro defender o Universo como constituído de corpos e vazio, ser e não-ser; sendo *conditio sine qua non* o vazio em sua *infinitude* para que os átomos movam-se por ele, e, também, os átomos em número *infinito* para que se encontrem. O movimento dos átomos é desde sempre eterno. Não há, pois, qualquer possibilidade de mensurar o tempo na eternidade, na eternidade não há sucessão temporal cabível de contagem. E nada se aplica à formação de mundo ou dos mundos que seja providencial; os átomos e o vazio são *desde-sempre*, e é no movimento eterno dos átomos que, quando se encontram, entrelaçam-se uns nos outros, ou não: no primeiro caso tem-se o mundo ou os mundos.

O *clinamen* é uma categoria ressignificada no *Materialismo Aleatório*, uma categoria de articulação que permite o indivíduo interpelado

como sujeito “adentrar” no abismo sem precisar de referenciais próprios do encontro pego duradouro em que ele está inserido. Uma categoria de articulação que permeia o sujeito através de uma *alucinação*, que é um *começo ou um não-começo*.

Nas *Cartas a Franca*, especialmente a de 29 de setembro de 1962 e a de 23 de outubro de 1962, Althusser fala sobre seu curso de Maquiavel:

“Le délire de ce cours n’était rien d’autre que *mon propre délire*; en particulier je me souviens du thème central que j’y ai développé, à savoir que... le problème central de Machiavel au point de vue *théorique* pouvait se résumer dans la question du *commencement à partir de rien* d’un *Nouvel État absolument indispensable et nécessaire*. Je n’invente rien, je ne fabrique pas cette pensée, Franca, mais en développant ce problème théorique et ses implications (en particulier la théorie de la fortune et de la “virtù”) j’avais le sentiment hallucinatoire (d’un force irrésistible) de rien développer d’autre que *mon propre délire*. (...) Il n’y a pas deux types de rapport avec le réel (rationnel – et affectif) mais un seul, (...) le rapport avec les objets théoriques est aussi commandé par le rapport avec soi”(Althusser, 7, 1998).

Não podemos nos furtar a toda perfusão da teoria da ideologia desenvolvida por Althusser em que o indivíduo é interpelado como sujeito, sendo estabelecida a materialidade da ideologia, neste mesmo processo de interpelação, na vivência do indivíduo (Althusser, 6, 1995). E o que mais nos chama a atenção é que Althusser deixa claro que a ideologia não perece, ela é eterna. Uma eternidade onde há formação social, i.e., homens e relações entre eles. Poderíamos dizer que é inerente à própria constituição do homem – não como essência humana/humanista, porém como pertencente à espécie humana enquanto animal no seio de um processo evolutivo, entendido nos termos de Darwin, na aleatoriedade da

*seleção das espécies* – a ideologia enquanto *forma*, o *telos*. Malgrado a natureza seja aleatória.

Compreendemos, pois, que a instância da Ideologia repousa no *inconsciente* do indivíduo assujeitado, e isso através de sua vivência, onde se instauram as relações de produção nas quais este sujeito está imerso no seio de uma formação social, fruto de um encontro e de uma pega duradouros, de um *concreto*.

Ademais, podemos desenvolver os encontros e pegas na própria Teoria da Seleção Natural de Darwin, que também é muito bem amparada na genética contemporânea. A seleção natural começa com a variação – os indivíduos variam –, como também variam seus hábitos, instintos e comportamentos, e essas variações são fruto do acaso. Cabe-nos ressaltar que o processo de seleção é deveras aleatório, ou seja, a causa da variação, para Darwin, era completamente desconhecida na medida em que era irrelevante, pois o que bem importa é a adaptação de determinada espécie ou não num determinado meio ambiente (Darwin, 11, 1966).

Hodiernamente, com os avanços da genética, a causa ao acaso, como na variação de Darwin, permanece nos processos de replicação reducional (*meiose*) e equacional (*mitose*). Em determinado momento da replicação do ADN, há o processo de *crossing-over*, o qual nada mais é que a troca aleatória de genes entre os pares de cromossomos. O ponto crucial em nosso estudo consiste em que não se sabe qual *códon* (sequência de três bases nitrogenadas que compõem os ácidos nucleicos, ADN e ARN) no processo de *crossing-over* vai e qual permanece, no entanto é conclusivo que, não importando qual seja a composição da permuta de códons, a célula pode durar ou não. Ela pode conter uma mutação que em sua divisão posterior pode gerar uma gama de células cancerígenas e, por fim, culminar na morte do ser-vivo; ou, pode resultar numa melhoria útil ao ser vivo, tornando-o mais adaptado. Mesmo no caso das células reprodutoras, nos

gametas, aquele material genético escolhido aleatoriamente sofre, além desse acaso primeiro do *crossing-over*, mais três outros acasos. O primeiro é se o gameta com determinado material genético – pois são muitos gametas e cada qual com material diferente do outro (uma tênue diferença, porém significativa) – conseguirá *encontrar* o outro gameta: o gameta feminino encontrar o masculino. O segundo é se este encontro dará certo, isto é, se ele pegará. Assim, um gameta masculino qualquer encontra um gameta feminino qualquer, todavia, disso pode resultar um *híbrido*, no caso de espécies diferentes que copulem, ou mesmo um feto com disformidades que tenderia ao aborto ou, em última instância, à necessária morte no pós-parto. O terceiro acaso é se esse feto, um *vir-a-ser-no-mundo*, será adaptado ou não às exigências externas, isto é, do ambiente em que nascerá: pode perecer ou não perecer, ser mais adaptado que os outros ou não, ou ser o mesmo que os outros.

Trata-se de encontros e pegas no caso da reprodução na genética e na seleção natural. Morfino elucida a relação entre Althusser e Darwin:

“É extremamente claro o papel que Althusser faz Darwin desempenhar na página: Darwin é jogado contra Hegel e o que está em jogo é, naturalmente, Marx, ou seja, a possibilidade de distinguir uma teoria aleatória e uma teleológica do modo de produção. Papel fundamental porque fornece a Althusser um modelo de aplicação da tese do primado do encontro sobre a forma no estudo do mundo natural. Nenhuma contingência transcendental do mundo, mas a emergência de toda forma natural do complexo de um número extremamente amplo de elementos.” (Morfino, 14, 2005).

O materialismo de encontro está completamente embasado no núcleo tácito do evolucionismo darwinista e, como apontamos, na genética contemporânea. A aleatoriedade dos processos de *seleção natural* encerra

de uma vez por todas a teleologia na natureza, um princípio, uma *conformidade* como *telos* da necessidade.

Morfino finaliza seu texto preconizando a teoria de Darwin como o núcleo invisível do materialismo de encontro, tratando por afastar a teleologia e o primado da forma:

“Longe de ser uma referência marginal da *Corrente subterrânea*, a teoria de Darwin parece ser, antes, seu centro invisível. Seu núcleo fundamental não é, de fato, a tese da evolução das formas (contra o fixismo), mas, precisamente, o primado do encontro sobre a forma, isto é, a contingência não tanto do mundo (termo que, em Darwin, não teria sentido), mas de toda forma, já que resultado de um complexo entrelaçamento de encontros, cada um dos quais, necessários – embora se trate de uma necessidade, se me é concedido o oxímoro, totalmente aleatória, isto é, privada de um projeto ou de um *telos*. Neste sentido, os elementos que ‘pegam’ (*fanno presa*) não estão ali porque a forma exista, mas possuem, cada um, uma história própria, resultado, por sua vez, de um entrelaçamento de encontros que se realizaram, mas que obviamente, também, falharam. (Morfino, 14, 2005).

### **A Dialética repousa na posteridade do *alea*.**

Existente a pega num encontro que dure, inicia-se uma circularidade em que *o começo é o fim e o fim é o começo*, eis que a dialética é impossibilitada em sua tentativa de refundar o princípio, ou desvelar a *arké*. Todavia, o movimento não é em vão. A dialética, e toda a sua tradição, desvela as formas, ela opera dando ao não-ser seu ser nesse desvelar. Aí podemos dizer que sendo o encontro e a pega a *arké*, estes são as determinações originárias: “O concreto é concreto por ser

uma concentração (*Zusammenfassung* = concentração, síntese) de muitas determinações, logo, uma unidade do múltiplo” (Marx, 12, 2010).

A definição é coerente, pois a regionalidade dos encontros pegos gera as formas todas in-sistentes no inconsciente do indivíduo em sua vivência material, portanto o desvelar obedece a dialeticidade em seus limites ao tratar das determinações oriundas dos encontros pegos, das *imagens, das formas*. Lidamos com a sobredeterminação, que é essencial à dialética. A sobredeterminação *em nada se opõe* à trajetória clássica da dialética: *eikasia, pístis, dianóia e nóesis* (Benoit, 10, 2004), pois a imagem, imaginação, já é em si sobredeterminada e, ainda, a crença nos objetos sensíveis é, por sua vez, o *contexto*, da sobredeterminação, *seu tecido, a validade das formas*. A localidade das contradições é lapso temporal, é desvelar-se na análise própria à *dianóia*, quando no domínio do inteligível. Assim, o gigantesco salto da *dianóia* à *nóesis* gera o conceito. O princípio a-hipotético almejado é impossível de ser alcançado. Então o retorno. No entanto, basta-nos compreender que não se perde nesse movimento, porque há o desvelar das *formas*: na história as passagens dos *concretos* fazem perecer a “naturalidade” das *formas* que emanam de um *concreto dominante*. Trata-se da *dialética* restrita ao desvelar das *formas*. O *alea*, com efeito, repousa na *arké*, na anterioridade próxima do encontro que pega e dura, é ele próprio a identidade da *arké* nesta anterioridade do *topos infinito, na vazio prenhe de possibilidades, nas sucessões de acontecimentos puros*. Em que podemos vislumbrar o *clinamen* como a atenção à *Geschichte* (Althusser, 2, 1988), à conjuntura, às desestabilizações do *concreto*, na *materialidade* dos menores *gestos, dos traços*. Portanto, o *clinamen* não é um desvio inspirado pela liberdade, mas o desvio de possibilidades inscrito num *concreto* através do contingente da *Geschichte* e, por isso, a possibilidade de uma *ação política no acontecimento, na materialidade dos traços e gestos, nas margens, em seu topos, nos interstícios*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALTHUSSER, L.: *Pour Marx*, Paris: Maspero, 1969.
2. \_\_\_\_\_. *Filosofia y marxismo: entrevista a Louis Althusser por Fernanda Navarro*. México: Siglo Veintiuno, 1988.
3. \_\_\_\_\_. *L'avenir dure longtemps* (suivi de *Les faits*). Paris: Stock / IMEC, 1992
4. \_\_\_\_\_. *Écrits philosophiques et politiques 1*. Paris: Stock / IMEC, 1994.
5. \_\_\_\_\_. *Écrits philosophiques et politiques 2*. Paris: Stock / IMEC, 1995.
6. \_\_\_\_\_. *Sur la reproduction*. Paris: PUF, 1995.
7. \_\_\_\_\_. *Lettres à Franca (1961-1973)*. Paris : Stock/IMEC 1998.
8. \_\_\_\_\_. *Política e História: De Maquiavel a Marx*. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2007.
9. BENOIT, H. Tese de livre-docência: *Tetralogia dramática do pensar. A Odisseia Dialógica de Platão: As aventuras e desventuras da dialética socrática*. Campinas: Unicamp, 2004.
10. DARWIN, C. *The Origin of Species*. New York: Collier, 1966.
11. DELEUZE, G. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
12. MARX, K. *O método da economia política*. Trad.: Fausto Castilho. Campinas: Crítica Marxista nº 30, 2010.
13. MORFINO, V. *O primado do encontro sobre a forma*. Campinas: Crítica Marxista nº 23, 2005.

## OBRAS DE REFERÊNCIA CONSULTADAS:

1. *Dictionnaire du Darwinisme et de l'évolution*. Paris : Puf, 1996.
2. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque*. Paris : Éditions Klincksieck, 1968.
3. *Oxford Latin Dictionary*. Oxford : At The Clarendon Press, 1968.

## IN DEFENSE OF THE ALEATORY MATERIALISM

**Abstract :** The last stage of the philosopher Louis Althusser awakens a great interest in the resolution of many questions appointed since his first publications in the decade of 60, among which the most relevant of them is the teleology in the historical materialism. However, his publications about the so-called “Aleatory Materialism” just appeared *post*

*mortem* and also the fatidic episode of his wife’s murder contributed to the repudiation and the fall into oblivion of the author. The encounter materialism’s is also a realization of a project more ambitious, that is, the establishment of a philosophy for Marxism. In this case, an unsystematic philosophy open to the historical events and also impulse a political project of transition. Philosophy established so as to escape the interpellation of individuals into subjects, a deviance of the dominant ideology. We will thus be discussing the category of *clinamen* as a deviance of the “subjection” and above all as a category allowing political action. From the analyse done by the intellectual Vittorio Morfino, we will observe the main foundations, as an invisible kernel, of the theoretical position of the althusserian aleatory in the chore of Charles Darwin’s materialism. In a conjecture, the question of dialectic and his role reserved to theory, Ideology, social formation and the possibility of a political action inscribed in the *clinamen*.

**Keywords:** aleatory, dialectic, ideology, materialism, politics